

PROJECTO PELA ARTE E PELA CIÊNCIA: Centro Maria de Sousa

Uma indispensável nota prévia explicativa: as palavras que vou ler foram praticamente todas escritas pela Professora Maria de Sousa e pela Dra. Assunção Júdice, tendo-as eu sujeitado a algumas adequações para se conformarem a esta ocasião. O que de bom tiverem deve-se essencialmente a esse contributo inicial.

Por via de mais um importante investimento da Câmara Municipal de Cascais, a Parede passa a estar dotada de um polo cultural de grande relevância, com a entrada em pleno funcionamento da Casa Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó dos Santos, que se consagrará, entre outras actividades, à investigação, divulgação e caracterização dos espólios que várias eminentes figuras da nossa contemporaneidade doaram ao Município de Cascais e este torna disponíveis à fruição pública.

A Casa, que foi sujeita a trabalhos de recuperação e adequação sob responsabilidade dos Arquitectos Nuno Simões e Sérgio Rebelo (Prémio Valmor, 1989), arranca com os espólios de Reynaldo dos Santos, Maria de Sousa, Irene Quilhó dos Santos, Luís Alberto Quilhó Jacobetty e integrará provavelmente outros que estão neste momento a ser negociados, refletindo contribuições em áreas tão diversas como investigação em saúde, pós-graduação, história de arte, ourivesaria, gravura, teatro, etc. e recolhendo a experiência de pioneiros não necessariamente compreendidos e valorizados no seu tempo, o que possibilita o confronto de ideias através da abertura de um campo de intenso debate sobre realidades mais ou menos residuais num país que ainda não conseguiu estancar completamente os fluxos migratórios e a exportação de cérebros, e reverter em seu proveito directo tanto talento humano desperdiçado.

Acolhendo investigadores e organizando encontros em que possam ser discutidas problemáticas relacionadas com experiências do século XX estudadas à luz das esperanças partilhadas no século XXI, estarão lançadas as bases do que poderá ser globalmente denominado por Centro de Investigação Maria de Sousa, um *forum* que estudará as relações entre ciência e arte e atrairá a esta zona do Concelho de Cascais, seguramente, alguns dos mais conceituados especialistas portugueses e

estrangeiros das comunidades científica, artística, literária e outras que arrastarão consigo uma aura de notoriedade de que a Casa Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó dos Santos e a Parede serão as grandes beneficiadas.

À cientista e professora universitária Maria de Sousa, um dos nomes centrais do nosso universo científico contemporâneo, caberia, com a sua participação ativa, imprimir a este precioso equipamento, os ritmos necessários à sua expansão, honrando a memória dos doadores fisicamente desaparecidos e deixando a outros as vérias de que a sua incomparável contribuição para o avanço da Ciência médica, designadamente nas áreas de pesquisa do sistema imunológico e nas múltiplas atividades pedagógicas de altíssimo nível em que se envolveu, faz inteiro jus. Infelizmente, a sua morte, provocada por complicações causadas pelo vírus SARS-Covid2, veio impedir que esta intenção se concretizasse, mas tudo foi feito pela CMC, designadamente pelo Presidente Carlos Carreiras, e pela FDLI para respeitar as ideias que Maria de Sousa tinha para o equipamento.

Maria de Sousa, de resto, tinha noções muito definidas quanto ao que gostaria de ver implantado como projeto cultural sustentável, um desígnio a que não faltava, como convém, uma certa dose de idealismo. Agradar-lhe-ia que a Casa tivesse uma vida inesperada: que, por exemplo, pudesse despertar o interesse de pessoas comuns e levá-las a participar em iniciativas compatíveis com a natureza dos materiais de cada um dos espólios; que pudesse chamar gente ligada ao teatro e desafiar autores de pequenos *sketches* em que estaria o jovem Reynaldo dos Santos acabado de chegar dos Estados Unidos, cheio de histórias e esperança, numa noite em que se tocaria Lopes-Graça, e em que Branquinho da Fonseca contasse de onde veio a ideia das bibliotecas itinerantes e fossem convidados jovens cientistas e artistas contemporâneos seduzidos pela expectativa de trabalharem no estrangeiro, a juntar-se aos que, «como eu», se foram. (“Eu voltei, graças à Revolução e a Nuno Grande”, disse ela um dia). Ou então, com essa gente do teatro, criar uma versão portuguesa à Tom Stoppard que recriasse, «em noites interartes», encontros «de vidas arquivadas em Cascais», com base no labor dos excelentes arquivistas da Câmara Municipal, cuja dedicação e proficiência contribuem para que se faça

História local. Curiosamente, uma História local tecida por figuras cujo trabalho científico, literário, académico e/ou artístico teve projecção a nível nacional e internacional.

Este é, a traço grosso, um painel de sugestões de Maria de Sousa eivado de otimismo cosmopolita, sensível à ação de dispositivos culturais de orçamento relativamente modesto e formatados para se tirar partido do enquadramento do engenho humano, lúdico e espontâneo, em que a vertente imaginativa desempenhará um papel central.

No respeito pelas ideias da Professora, a CMC e a FDLI farão tudo o que estiver ao seu alcance para honrar um compromisso que derivou de uma relação de extrema consideração mútua que se estabeleceu entre a eminente cientista e o Presidente da CMC.